

A CPI vista de lá

Onicamento

BRASÍLIA — Em Roma, como os romanos. (Na sabedoria popular, em terra de sapos, de cócoras com eles). Depois de um mês de férias pelo Nordeste, volto relendo o saudoso gênio paraibano José Américo de Almeida (que agora no dia 10 teria feito 107 anos) em sua magistral definição de jornalismo:

— “Ver bem não é ver tudo. É ver o que os outros não vêem”.

Houve duas CPIs. A que se fez no Congresso, um sufocante terremoto de escândalos, desmascaramentos e naufrágios, magnificamente comandada pelo trio maravilha Passarinho, Magalhães e Klein, e a que o País recebeu e acompanhou pela imprensa, jornais, revistas, mas principalmente rádio e TV. Aqui se sabia o que acontecia. Lá, o que se dizia. No turbilhão das denúncias, era difícil, aqui, um sereno julgamento de valor. Lá, não. Havia distância e tempo e sobretudo isenção para uma serena filtragem da tempestade.

Passei dias, diante da TV, acompanhando os depoimentos e notícias com prefeitos, vereadores, líderes políticos, jornalistas, fazendeiros. Já à noite, nas TVs, percebia-se que a síntese estava longe de ser fiel. No dia seguinte, então, nos jornais e nas mesmas TVs, a decepção. Torcia-se, truncava-se manipulava-se, deformava-se quase tudo. Era um irresponsável e enlouquecido porre jornalístico.

Jogo Sujo

O que mais surpreendia e chocava as pessoas de lá era o pértido balé

da mentira. De repente, estava na TV, nas capas das revistas e manchetes dos jornais, um senador, um deputado, um jornalista, fazendo uma denúncia ou antecipando informações. No dia seguinte, na mesma TV, no mesmo jornal, desmentia-se tudo. E ninguém se lembrava de dizer que o “denunciante”, o “inconfidente”, também era um canalha público, corrupto, fraudador do orçamento da verdade.

E o povo, que não é letrado mas não é estúpido, lá no coração do País, vendo tudo, analisando tudo, percebendo escandalizado o jogo sujo de vedetes históricas, que deviam estar nas noites lúbricas dos “Leopardos” ou nos sórdidos porões dos serviços secretos. Engana-se quem pensa que o palco onde rebolaram alguns da CPI daqui ludibriou o povo de lá. O País sabe que corrupto é corrupto. Mas também sabe que gigolô é gigolô.

Minha mãe, na santa e sábia lucidez de seus 93 anos, definiu bem: — “O que a gente vê na televisão é diferente do que a gente lê nas cabeceiras do jornal” (“Cabeceira” é “manchete”, em português camoneano).

Prodasen

O honrado e bravo relator Roberto Magalhães foi mostrado, pela TV deixando a reunião histórica da noite de sexta-feira para ir pessoalmente ao Prodasen. Durante a leitura, percebeu que haviam enxertado seu texto. Na mesma hora, descobriu vários fatos criminosamente enfiados no rela-

tório. Alguns, denunciou logo (e foi publicado):

1 — “Não incluíram no relatório final as referências ao deputado Eraldo Tinoco, absolvendo-o de qualquer envolvimento. Houve problemas no Prodasen, com a não impressão do disquete em que constavam as referências ao deputado Tinoco”.

2 — “Ficou extremamente irritado com o capítulo referente ao deputado José Carlos Aleluia. Por não haver firmado convicção de culpa, ele recomendara que a Mesa da Câmara prosseguisse nas investigações. Mas, no texto impresso, o penúltimo parágrafo reproduziu a conclusão da Subcomissão de Patrimônio (Bisol e Mercadante), que recomendou a cassação de Aleluia. — “Pode ter havido uma sabotagem dentro do Prodasen suspeitou Magalhães, prometendo identificar os responsáveis”.

Agindo mafiosamente, às pressas, puseram o novo parágrafo mas esqueceram de apagar o anterior. Pela TV, o País viu a página, lida pelo relator, com os dois parágrafos contraditórios. Prodasen esqueceu de fazer a barba do PT.

PTI

Alguém dirá que são incidentes menores. Não. O Prodasen é o coração computadorizado do Congresso. É o grande banco de dados, o supercofre do Legislativo. Sempre foi um órgão exemplar, respeitado, irrepreensível. No processo da CPI, ficou clarríssimo que o PT tomou-o de

assalto. Virou um fundo de quintal onde o PT despejava suas tramóias mafiosas. Lá quem mandava era o senador Pinel e o deputado Oliva, apoiados pelo senador Trisol. Criaram um SNI, um “monstro” (como dizia o Golbery) a serviço do PT, um “PTI” do PT.

O Congresso fica sem autoridade política se pune exemplarmente os que fraudaram o Orçamento, e não denuncia e desmonta a máquina mafiosa dos que fraudam o Prodasen. Também não se pense que se trata apenas de um senador transformista, outro que perdeu o eixo e um deputado Azeitona. Todo mundo sabe que o PT Montou no Prodasen uma máquina de poder, um terrível instrumento de informação, desinformação, contra-informação e sobretudo de chantagem política, exatamente como o SNI fazia.

O Brasil se livrou do Golbery e vai cair nas mãos do Suplicy, um Golbery com Mogadon e a mesma doentia e repulsiva cabeça policial, fascistóide, nazolouca? Para combater a corrupção, não podemos permitir que o PT jogue o País em um poder policialesco, doicódico. João Ubaldo, tão lúcido atrás de seus bigodes itaparianos, escrevia esta semana:

“Existe, dizem, um movimento ético em torno da moralização da nossa vida pública. Na minha opinião, está existindo mais a sedimentação de cultura da denúncia e do dedodurismo. Estamos nos transformando numa república de informantes e delatores”. É a “República da Delação”, denunciada por Niemeyer.